

Diversão & Arte

A HORA DO ESPANTO

JUNTO COM OS ESPERADOS SUSTOS DO GÊNERO DE TERROR, CHEGAM POTENTE ÀS TELAS, PELO INCREMENTO PSICOLÓGICO E GATILHOS DE MEDO: **A HORA DO MAL**



A hora do mal: múltiplos personagens

Foto: Warner/Digital360

» RICARDO DAEHN

"A família é importante" é uma das falas, entre pais dos mais aflitos, que impulsiona a trama do mais novo filme de terror do cineasta Zach Cregger, *A hora do mal*, antes celebrado pelos méritos da estreia em *Noites brutais* (2022). Agora, numa trama de amplo apelo sobrenatural, ele se consagra pela lida imediata e desmedida de traços exagerados. Independentemente da origem desconhecida das forças alinhadas no enredo em que um grupo de 17 pequenos estudantes desaparecem, a capacidade narrativa do diretor se projeta. Com alguns espaçados problemas no roteiro, Cregger traz personagens sólidos, numa história bastante ramificada, mas que mantém uma linha coerente. Num misto de paranoia e alcoolismo, a professora da criança abduzida, Justine Gandy (Julia Garner, em mais um destaque, depois de ser a Surfista Prateada) é das que mais sofre, junto com o menino que, afortunadamente, ficou para trás, na debandada aparentemente involuntária dos colegas, o também vitimizado Alex (Cary Christopher).

Haverá muitos sustos, com as inesperadas entradas de personagens com olhos proeminentes e aterradores, como no caso de Marcus (Benedict Wong) o diretor da escola problemática, que até pode ter as feições do lunático protagonista do clássico *Oldboy*. Volta e meia, o longa adota a trajetória de policial, até porque o policial Paul (Alden Ehrenreich, de *Han Solo: Uma história Star Wars*) está conectado à professora. Armas, do título original, faz referência a potenciais objetos com a função espalhados pela trama: de injeções a tesouras, passando por arma de fogo até inocentes garfos. A esfera simbólica de armas pesa fortemente.

Nas câmeras, há especulação de um comportamento em massa de crianças teleguiadas. Dados de autonomia, independência e fatores hostis circundam os tipos dispostos no enredo. O diretor



Zach Cregger traz a interessante capacidade de concentrar, ainda que com pontas do enredo dispersas, e paradoxalmente, há unidade coesa na dinâmica que mantém interesse do público a mil por segundo. Na tentativa da elaboração de um luto comunitário, o roteiro (do diretor) faz questão de apontar a geral incapacidade e o descaso das autoridades em solucionar o caótico quebra-cabeças, um incômodo geral na comunidade. Tema, aliás, que Cregger abordou previamente em *Noites brutais*. Limites ultrapassados de violência se avolumam, num crescente.

Sistematicamente, fica clara a proposta da associação da temática com práticas esotéricas (até mesmo o triângulo, ilustra artes do longa que explora vertentes de energia interpe-soal) e alguns acenos ao clássico *Psicose*. Junto com desleixo policial, *A hora do mal* enfatiza elementos encavalados como a solidão, representada por Alex (e ainda a personagem da veterana Amy Madigan, já indicada ao Oscar, há 40 anos, por *Duas vezes na vida*), e o ciclo parasitário dos cordyceps, fungos, com um quê de conexão ao sumiço das crianças.

US\$ 38 MILHÕES

É O ORÇAMENTO DO FILME *A HORA DO MAL*, QUE CONQUISTOU O TOPO DAS BILHETERIAS AMERICANAS

DEBATE

O FUTURO DO JORNALISMO CULTURAL

» BEATRIZ LAVIOLA

O jornalismo cultural está morrendo? Essa pergunta provocadora inspirou o Ciclo sobre Jornalismo Cultural: Crônica de uma morte anunciada?, que será realizado hoje e amanhã, na Caixa Cultural de São Paulo. O evento visa promover reflexões sobre os desafios, tensões e alternativas para o jornalismo cultural. Para José Manuel Diogo, o curador do evento, o jornalismo cultural é a última trincheira contra a banalização da inteligência: "É nele que a sociedade depura o ruído, preserva a memória e encontra ferramentas para compreender o que realmente importa. Sem esse espaço, corremos o risco de viver num presente sem raízes e num futuro sem direção".

Serão realizadas quatro mesas de debate com oito convidados, entre jornalistas, escritores e criadores de conteúdo. Os mediadores das conversas serão Daniella Zupo,

jornalista, escritora e documentarista, e José Manuel Diogo, jornalista português também curador do evento.

As mesas de debate trarão à tona temas como os impactos da inteligência artificial, dilemas éticos, os desafios da representatividade, o impacto dos algoritmos e o futuro do jornalismo cultural. "Em tempos de mudanças tão aceleradas, criar espaços para pensar coletivamente o futuro da nossa profissão é essencial", reflete a jornalista Eliane Trindade, uma das convidadas do evento. Tanto Eliane quanto José expressam suas expectativas acerca do evento. Eliane revela que espera refletir sobre os caminhos do jornalismo diante das novas tecnologias, e reafirmar os valores que não mudam: apuração, ética e compromisso com o leitor. Já José diz: "Espero que ele funcione como um ponto de inflexão. Que ele possa reunir o público em torno de uma pergunta vital: como reinventar o jornalismo cultural sem abrir mão de sua alma?"

Divulgação



José Manuel Diogo, jornalista português e curador do evento Ciclo sobre Jornalismo Cultural: Crônica de uma morte anunciada?"

Em relação à pergunta norte do evento "Jornalismo Cultural: Crônica de uma morte anunciada?", o curador responde: "Acredito que o jornalismo cultural não está morrendo, mas atravessando um processo profundo de metamorfose. Vivemos uma era em que os modos de produção e difusão da cultura mudaram radicalmente, e o jornalismo precisa acompanhar esse ritmo sem perder sua função crítica e curadora. Num mundo dominado pela pressa e pela lógica dos algoritmos, o jornalismo cultural deve assumir-se como contracorrente: um lugar de resistência, onde a reflexão se sobrepõe à velocidade e a cultura é tratada como um bem essencial, não como mercadoria descartável".

O uso da inteligência artificial na produção de textos jornalísticos será um dos temas em voga no evento. Eliane afirma que ela já está transformando a forma como produzimos, distribuímos e

consumimos conteúdo, mas que pode ser útil em certos pontos. "Acredito que a essência do jornalismo cultural, que é o olhar crítico, a interpretação sensível, continua sendo humana. O desafio é usar a IA como aliada, sem abrir mão da autoria e da credibilidade".

*Estagiária sob a supervisão de Severino Francisco

CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA – O JORNALISMO CULTURAL ESTÁ MORRENDO?

Nesta quinta-feira e sexta-feira, das 10h às 13h, na Caixa Cultural São Paulo – Praça da Sé. Transmissão pelo Canal da Caixa Cultural no Youtube